

Francisco Antonino Xavier e Oliveira

OFERECIDO PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO

## O Elemento Estrangeiro

— no —

## Povoamento de Passo Fundo



Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n.º 70, de 16 de Dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município.

Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município.

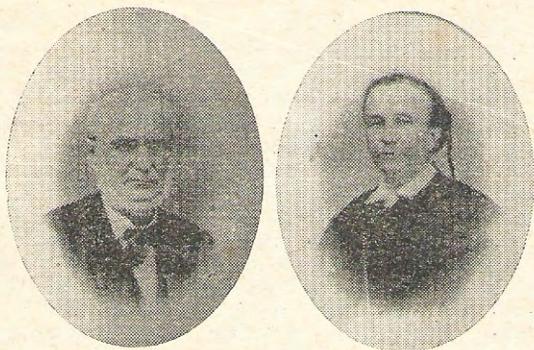


*Solaima Vargas Fortes*  
(Amica)

Artigos publicados no diário passo-fundense  
"O Nacional", de 25 de Setembro a 11 de  
Novembro, em 1931.



**PRIMEIROS ESTRANGEIROS QUE VIERAM DOMICILIAR-SE NA  
ALDEIA, HOJE CIDADE DE PASSO FUNDO**



Casal

Adão Schell-D. Ana Christina Hein Schell

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS  
1914

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS  
PUBLISHED BY THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

O trabalho que se vai ler não reflecte apenas um propósito histórico, mas, também, homenagem que desejo prestar ao factor estrangeiro que, nos velhos tempos de Passo Fundo, trouxe para estas plagas o seu lar e operosidade, concorrendo e em escala relevante, para o desenvolvimento e progresso que elas, pela topografia, salubridade e mais favores naturais, tinham de realizar e, no dia de hoje, tão auspiciosos se mostram já.

Como é de compreender para quem a vista projecte ao dilatado espaço de tempo a que tive de descer para a pesquisa nominal e cronológica do aludido factor, não se pode admitir que trabalho desta natureza se apresente, desde logo, em feição definitiva. Pretendê-lo seria não levar em conta a dificuldade imensa que o filão a explorar oferece, principalmente quando, como acontece, desaparecidos são já todos aqueles sobre os quais o inquérito há-de recair, daí resultando que o pesquisador terá de fazer a mineração histórica adstrito ao processo indirecto, recorrendo a um grande número de informantes e cotejando-os para, assim, poder chegar a conclusões que, salvo excepções raras, serão sempre, no ponto de vista cronológico, meras aproximações.

O exposto não obsta, porém, que se desçam os degraus do passado e, encontrado o primeiro marco da pesquisa, de lá, rompendo névoas em que a cada passo se erguem visões enternecedoras para a alma passo-fundense do mineiro, se venha rastreando a marcha da gente de além-mar e assinalando, no tempo e no espaço, a sua fixação na terra em que hoje a sua vastíssima descendência, entrelaçada com a dos curitibanos, paulistas e fronteiranos que antes, ao mesmo tempo ou depois, buscaram a terra e também nela se radicaram, está a viver e a trabalhar como parte integrante do nosso povo e de nossa nacionalidade.

Foi o que fiz, e em boa hora, porque nessa viagem retrospectiva, além de render merecido culto ao elemento que eu visava, encontrei novas pepitas faiscentes no filão do episódio, com as quais avolumarei outras faces do meu trabalho histórico, que estavam e continuam em acção.

O que sinceramente desejo, agora, é que os descendentes dos estrangeiros que coloquei em tela neste lavor, não deixem de enviar-me as rectificações e ampliações que a leitura dele sugerir-lhes, porque assim terei elementos para, mais tarde, fazer obra mais vasta e segura.

## II

Iniciado, em 1827, o povoamento do território passo-fundense pela gente civilizada, nesse mesmo ano ou no seguinte chegava a ele, trazendo a família, escravos e gado, o, depois, capitão Manuel José das Neves, aí conhecido por Cabo Neves, tratamento que, como deixei dito noutro trabalho (1), lhe proviera de, com essa graduação, ter servido na então recente campanha militar em que se travara o combate do Rosário.

Ergueu ele o seu arrançamento no lugar onde, hoje, na Praça Ta-

(1) "Terra dos Pinheirais", publicada em 1927.

mandaré, nesta cidade, se cruzam as ruas Paisandú e Teixeira Soares (2), tomando posse do campo circunjacente, do Pinheiro Torto para leste, que obtivera por concessão, sem dúvida, do comandante da Fronteira de São Borja, pois que era, então, a autoridade para isso competente.

Em 1830 esse posseiro e sua mulher doaram para erecção de uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que assim ficou sendo padroeira da localidade, certa extensão de terreno, doação essa que parece ter sido verbal, porque, como consta do arquivo da extinta Câmara Municipal, não existia escritura que a comprovasse (3).

A capela em referência veio a ficar concluída em fins de 1835, tendo sido a licença para sua construção requerida à autoridade eclesiástica de Porto Alegre, no ano anterior, por Joaquim Fagundes dos Reis e mais 8 ou 10 moradores (4).

Precisamente ao tempo dessa iniciativa, foi que aqui chegou, com procedência de Três Vendas, lugar situado, hoje, no município de Cachoeira do Sul, o casal alemão constituído por Adão Schell e d. Ana Christina Hein, naturais, respectivamente, do Grão Ducado de Oldemburgo e do Reino de Saxe (5); casal esse que, porém, devido à situação grave criada pela Revolução Farroupilha, explodida logo após, teve de emigrar para Montevidéo, de onde só tornou alguns anos depois.

### III

Adão Schell era filho de Felipe Schell e de d. Catarina Leonardo (1), tendo vindo para o Brasil em 1828, dirigido à colonização de São Leopoldo, nesta, então, Província (2).

Quanto a d. Ana Christina Hein (3), os dados que consegui colher são estes (4):

Menina ainda, viera do país natal com seus pais Mateus Hein e d. Doroteia Raire (5), os quais, dispondo de meios, trouxeram bagagem provida do necessário não só ao conforto do novo lar, como para o trabalho a que nele pretendiam dedicar-se.

---

(2) Informação de seu neto Pantaleão Ferreira Prestes, advogado, que ultimamente residia na vizinha cidade de Soledade, onde veio a falecer.

(3) Atribuo este facto a que, sendo então recente a concessão obtida por Neves e não tendo ele preenchido ainda a dupla condição de medição e confirmação, a que eram subordinadas as concessões de sesmarias, talvez por isso não pudesse dar a escritura de tal doação.

(4) "Anais do Município de Passo Fundo" vol. I, do autor, publicados em 1908.

A maioria desses requerentes devia ser das cercanias, porque muito poucos eram então os moradores do local da capela.

(5) Na citada obra "Terra dos Pinheirais" há trabalho mais amplo sobre este casal.

---

(1) Filiação constante de um assento de baptismo de filho do casal, datado de 1835 e descoberto em Cachoeira do Sul pelo dr. Jorge Felizardo, descendente do casal.

(2) "Terra dos Pinheirais".

(3) Pelo mencionado assento de baptismo, vim a verificar que esta era a grafia do nome de d. Ana Christina, e não Hain, como, fundado em informação aqui recolhida, tinha eu dito em "Terra dos Pinheirais", e no precedente artigo deste trabalho. A diferença é, porém, explicavel: em alemão, a palavra é pronunciada Hain.

(4) Informação de Guilherme Morsch, que foi genro do mesmo casal.

(5) Filiação constante do aludido assento de baptismo.

O navio em que vinham, porém, naufragou nas alturas de Pernambuco, acarretando-lhes a perda desses haveres; de sorte que, chegados ao Rio de Janeiro, teve Mateus de prover a subsistência com as dificuldades próprias de situação tal, até que, iniciada a colonização de São Leopoldo, já referida (6), veio para a mesma, com a família, localizando-se em Bom Jardim onde, anos depois, d. Ana Christina contraía matrimônio com Adão Schell.

O casal assim constituído, vindo para Passo Fundo, trouxe já alguns filhinhos, prole a que cresceram outros, depois nascidos, e da qual tratarei oportunamente neste trabalho.

#### IV

Assim iniciada com o casal Schell-Hein a corrente estrangeira em Passo Fundo de Missões (1), que aí, ou era ainda quarteirão de São Borja, sob a numeração de 4.<sup>o</sup>, ou constituía já, com o mesmo número, um distrito do município de Cruz Alta, que o abrangeu (2), — seguiu-se, pouco depois de 1840 provavelmente, a segunda entrada de tal corrente, que foi a de João Neckel, vindo de Lajes, na então Província de Santa Catarina, de onde saíra com destino a Santo Angelo, mas que, aqui chegando, teve de estacionar pela circunstância de seus filhinhos terem adoecido na passagem do Mato Castelhana, feita por estreito e cerrado trilho e sob grande calor.

Além da prole referida, que constava dos pequenos Antônio, Saturnino, Isabel (3) e Maria, trouxe ele também a esposa d. Ana Bárbara Neckel, seu velho pai Jacob Neckel e irmão Matias Neckel, todos alemães natos (4), à excepção das quatro crianças, que já eram brasileiras, nascidas na mencionada Província.

#### V

Dessa maneira impossibilitado de prosseguir na sua viagem, João Neckel, ou porque tivesse gostado do lugar, ou nele visse futuro ao seu labor, comprou aqui, por 100\$000, um ranchinho de paredes de barro e coberta de capim, tão pequeno que, para poder acomodar a família, teve de armar ao lado dele a sua barraca de viajero: isto no mesmo sítio em que, mais tarde, ergueu melhor casa que ainda hoje existe, mas já reconstruída na frente, e que tem os ns. 1.152 e 1.156 à Avenida Brasil.

Assim passando de hóspede a morador da minúscula e pobre aldeia de Passo Fundo de Missões (1), abriu ele pequena venda, que pouco a pouco foi ampliando e para cujo abastecimento ia periódicamente, com

---

(6) Iniciada em 1824.

- 
- (1) Como deixei dito em "Terra dos Pinheirais", era assim designado o lugar, para se o distinguir de outro com o mesmo nome, situado pouco aquém de Lagoa Vermelha.
  - (2) Criado em 1834 e instalado no ano seguinte.
  - (3) Depois casada com Jacob Kurtz.
  - (4) Não consegui apurar o ponto da Alemanha de onde eram naturais João, Jacob, Matias e d. Ana Bárbara.

- 
- (1) Ao que colhi, por ocasião da chegada de João Neckel havia em Passo Fundo apenas três moradores, o que julgo fundado porque, com a Revolução Farroupilha, o lugar decaiu muito, conforme deixei dito no 1.<sup>o</sup> volume dos citados "Anais do Município de Passo Fundo".

cargueiros, buscar em Três Forquilhas géneros grossos (2), que também mascateava, em Santo Ângelo e outros pontos, com o mesmo meio de transporte.

Numa dessas viagens a Três Forquilhas, de volta, estando sobre a boca do Mato Castelhanu, em Campo do Meio, por ele passou uma comitiva que vinha para Missões e da qual faziam parte uma senhora e uma ou mais crianças. Como não estivesse lá o Bugreiro (3), que havia passado para este lado do dito Mato, ponderou Neckel aos viajantes que não deviam lançar-se na picada sem o mesmo, porque, se o fizessem, correriam o risco de ser atacados pelos índios que nela estacionavam. Não atendendo a essa ponderação os mesmos, o resultado foi que na travessia do Mato os selvícolas os assaltaram matando a senhora e frechando um dos homens (4) que ao colo trazia uma criança, que, com isso, ficou extraviada ao debandar-se o resto da comitiva, não mais podendo ser encontrada (5).

## VI

Depois do meu último artigo, vim a saber a procedência, na Alemanha, de João Neckel e sua esposa d. Ana Bárbara.

Quer a família Neckel, quer a Alflen a que pertencia a referida senhora (1), eram do distrito renano de Unsrüch e portanto, lá, vizinhos do Grão-Ducado de Oldenburg de onde, como deixei dito, viera Adão Schell.

Transferindo-se as duas famílias para o Brasil, tomaram passagem no mesmo navio trazendo pequeninos João Neckel e Ana Bárbara, que nas plagas de Santa Cruz, no futuro, o destino devia enlaçar em matrimónio que só deveria dissolver, ao cabo de longa e acidentada existência, aqui em Passo Fundo.

Aportando em Santa Catarina — destino que traziam — localizaram-se elas em São José, povoado fronteiro a Desterro, hoje Florianópolis, no Continente, onde, anos depois, foi realizado o casamento dos dois jovens, que dali, em seguida, vieram para o Passo de Santa Vitória, do rio Pelotas, riba direita, trazendo João em sua companhia o velho pai, já então viuvo, e um ou dois irmãos.

Instalando-se no lugar em referência, fazia João a passagem, no rio, das tropas e viajantes que por ali transitavam, e deviam ser muitos,

- 
- (2) A importação do lugar consistia então em aguardente, rapaduras, farinha de mandioca e louça de barro, que eram os géneros que se iam comprar em Três Forquilhas.
  - (3) Vaqueano do Mato e conhecedor dos ardis que os índios punham em prática para o assalto aos viajantes. Exercia esse officio, ali, José Domingues Nunes de Oliveira, conforme se pode ver em "Terra dos Pinheirais", onde ao mesmo consagrei um trabalho.
  - (4) A mesma tradição em que recolhi os dados que estou a reproduzir esclarece que, para poder ser extraída a frecha do ferimento por ela produzido, foi necessário cortar as carnes do homem ferido.
  - (5) Deve ser o mesmo facto a que alude o dr. Hemetério José Veloso da Silveira na sua importante obra "As Missões Orientais e seus antigos dominios", publicada em 1909, pags. 378 e que, segundo o mesmo autor, teria ocorrido em 1845 com Fernando Martins França, Inácio Luís de Oliveira e mais 12 pessoas, inclusive senhoras, sendo que a morta foi a esposa do segundo.

---

(1) Os pais de d. Ana Bárbara eram João e Catarina Alflen.

de vez que por lá era a importante estrada que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo; e, ao mesmo tempo, cuidava de agricultura e criação de gado, misteres esses três com os quais progrediu em seus haveres, conquistando situação abastada e feliz.

Desse plácido viver, porém, vieram ele e os seus a sair pela superveniência de facto que se desdobraria em outros, proporcionando-lhes série de vicissitudes que deve ser consignada neste trabalho. Rememore-mô-la:

Um dia, naquele ponto, saindo ele ao campo e ficando só em casa sua esposa, ouviu esta uma pancada em pinheiro seco que havia perto da mesma. Indo ver o que era e apurando, aí, que a casa estava sendo assaltada por um grande número de índios, selvagens ainda, saiu d. Ana Bárbara a correr aterrorizada, na direção em que, nas proximidades, estava trabalhando seu sogro, a fim de avisá-lo. Providencialmente, porém, nessa ocasião seu marido, que do ponto onde se achava tinha notado qualquer cousa de anormal na casa, aparece a toda velocidade do cavalo que montava, a cujo tropel os assaltantes, julgando que iam ser atacados, bateram em retirada mas levando copioso saque e dando, assim, grande prejuizo à família.

Desgostosos com isso, retiraram-se João Neckel e os seus para Lajes, então vila, mas em má ocasião, pois que, lá chegados, agravando-se a Revolução Farrroupilha, tiveram, êle, de escapar-se para a capital daquela Província, e d. Bárbara e filhos, de ir para Curitibaanos, direção desacertada que aí tomaram também outras famílias da localidade, que recebiam as consequências de tão agudo momento, se precisamente iam para onde, logo após, travar-se-ia o combate de que resultou a derrota do coronel farrapo Joaquim Teixeira Nunes pelo coronel legalista António de Mello e Albuquerque (2): acontecimento em face ao qual a mesma senhora e sua prole tiveram de retornar, numa viagem sobressaltada e difícil, e ficar em Lajes à espera de João Neckel, que continuava ausente e só voltou ao cabo de um ano, e para ter, de chegada, outro incómodo e bastante sério, conforme se vai ver:

Era então género de primeira necessidade no interior a pedra de fogo, que além do uso que hoje continua tendo e acaba de ser ampliado consideravelmente em consequência do encarecimento do fósforo, era também utilizado nas armas de fogo, que com a sua faísca deflagravam.

Supondo que poderia, na ocasião, fazer bom negócio com tal pedra, trouxera ele, da Capital, uma certa quantidade do artigo, que viera vendendo em viagem e cujo restante procurou negociar em Lajes, o que bastou para que, sob o fundamento de estar introduzindo munição de guerra, fosse preso e na Cadeia conservado por mais de mês.

## VII

Livre da provação exposta, resolveu João Neckel deixar Lajes e vir para Missões, o que fez, aí se detendo e fixando aqui.

Antes dessa viagem, porém, na referida localidade catarinense foi levado à pia baptismal seu mais novo filhinho, oficiando no acto um

---

(2) Combate esse travado a 12 de Janeiro de 1840 sobre o rio Marombas, na estrada de Curitibaanos a Campos Novos.

sacerdote que acompanhava a coluna Labatut (1) e que, como não houvesse pároco no lugar, na mesma ocasião celebrou numerosos outros baptizados, facto que registro por constituir elemento cronológico importante para o estudo que estou a fazer.

Na sua vinda para Missões, gastou a família, até aqui, um mês e tanto de penosa viagem, feita através dificuldades e perigos, pois que o longo trajecto, além de raramente povoado e, por isso, com falta de recursos, era ainda, como decorre dos factos que narrei nos dois precedentes artigos, infestado pelos índios, que, na passagem dos viajantes, estavam sempre à espera de momento oportuno para os atacar e trucidar.

Aqui ficando, pois, não poderiam João Neckel e os seus, senão ao cabo de anos, lograr a tranquillidade que com a sua mudança tinham buscado, se o mesmo perigo cercava o lugar, dada a sua posição à orla da Serra Geral e o quase deserto em que jazia ainda a vasta campanha que na mesma vinha terminar.

Por isso, frequente era nas imediações o aparecimento dos selvicolas referidos, cujos assaltos se repetiam notadamente na zona que por essa razão ficou sendo chamada "Mortandade", sita na estrada pela qual hoje se vai ao Marau (2).

Em tão perigoso sítio, entretanto, se aventurou João Neckel a fazer uma roça, vizinhando com a de outro plantador, que tinha sobrenome Albuquerque. Este, indo colher a que lhe pertencia, lá pereceu com dois filhos às mãos dos índios. Para evitar que o mesmo lhe acontecesse, recorreu Neckel ao expediente de fazer a colheita da sua a altas horas da noite, quando os selvagens, como de costume, estivessem recolhidos a seu ponto de pernoitamento; para cujo fim, em noites consecutivas, para lá seguia, cautelosamente, com os seus cargueiros, retornando à casa ao alvorecer.

Até no lugar em que, actualmente, se acha Vila Luiza — coxilha que aí era conhecida pela família Neckel por **Monte do Barreto**, devido a ter havido lá um morador com esse apelido — costumavam tais índios aparecer, facto pelo qual os poucos moradores daqui, à noite, para não serem atacados isoladamente, se reuniam todos em uma só casa, velando os homens enquanto as famílias dormiam.

Além disso, também as feras não deixavam de constituir perigo, devido à proximidade da mata, que nesse tempo cobria bom trecho da zona urbana actual, inclusive a parte da rua Moron compreendida, hoje, entre a Rua Quinze de Novembro e o extremo ocidental da Cidade. Tanto assim que, uma ocasião, estando a brincar no fundo do quintal de Neckel as crianças dele com outras, uma destas últimas foi presa de um tamanduá-bandeira que, abraçando-a, matou-a ficando a ela agarrado tão fortemente que, para desprendê-la, necessário se tornou cortarem-se as patas do terrível bicho.

Na quadra a que estou a aludir, a raia de carreiras, aqui, era na

(1) Mandada pelo Governo Imperial com o fim de barrar, nas Antas, a saída para Missões das forças revolucionárias que, às ordens de Bento Gonçalves e Canabarro, operavam sobre Porto Alegre e litoral ao nascente da mesma cidade.

Coagido por habeis manobras dos Farrapos, a retirar-se para não ser envolvido e batido, aqui chegou Labatut a 7 de Dezembro de 1840 (Alfredo Vareia, "Rio Grande do Sul"), acossado por Canabarro, tomando a direcção de Botucaraí (Soledade).

(2) Denominação advinda do facto de ter sido mortos nas imediações, numa batida organizada pelos moradores daqui e proximidades, o cacique índio que assim, se chamava.

frente da casa de Neckel, no mesmo sentido da actual Avenida Brasil em cujo espaço ficava, talvez limitada ao trecho que agora medeia entre o edificio da Prefeitura e proximidades do cruzamento da Rua Déz de Abril, visto ser o terreno mais próprio para isso.

Contava Neckel que na primeira missa aqui celebrada, como a capela da terra fosse pequena, à frente dela foi feita uma ramada, para que pudesse abrigar os fiéis da redondeza, que ao acto afluíram.

Eis o que pude colher na minha pesquisa sobre o segundo contingente estrangeiro que entrou nestas plagas.

Com ligeira interrupção, motivada pela dificuldade que estou tendo para a organização da lista dos novos reforços que seguiram-se, voltei a tratar do assunto, que, como se vê pelo que deixo publicado, bem merecia a atenção que lhe voltei.

### VIII

Ao encetar o presente estudo, supunha eu que em dois ou três artigos dá-lo-ia por terminado. Entretanto já se foram sete, e estou ainda, apenas, no decénio em que os imortais Farrapos, com as pontas das suas curvas espadas, que tinham por fiel o rubro lenço a ostentar o belo nó cruzado que o tempo não desfez e nem desfará jamais, gravaram na Historia a epopeia cujo centenário se avizinha, aguardado pela carinhosa recepção que lhe está preparando o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Para essa comemoração, a que sem dúvida se associará com o maior entusiasmo o Estado inteiro, seria desejável que, em todas as comunas rio-grandenses, desde já se procurasse ir exumando o que nelas tiver ocorrido ao tempo da grande Revolução, porque assim e concorrendo cada uma com o seu depoimento, de certo que à luz de todos eles se poderia completar o processo histórico da imperecível jornada, trazendo a lume novos e importantes subsídios que porventura existam.

Como se tem visto nesta pesquisa que venho fazendo e noutras que tenho publicado anteriormente, de vez em quando a narrativa se entrelaça com o delineamento de tal jornada, lembrando-a e demonstrando, assim, que também aqui deixou ela vestígios que deviam ser estudados convenientemente, porque de tal modo poderíamos, no centenário aludido, concorrer para que Passo Fundo lograsse conhecer com precisão o que foi em seu seio a referida pugna.

Assim pensando e certo de que a sugestão será bem acolhida, rogo que todos aqueles que conhecerem quaisquer episódios ou factos da mesma Revolução neste município, ou tiverem cartas ou documentos do tempo, não deixem de mos trazer ou enviar, desse modo contribuindo para que nossa terra cumpra tal dever (\*).

(\*) Será também de interesse a notícia de quaisquer armas e objectos, que porventura existam, da quadra em referência.

— A propósito da sugestão assim feita, deve aqui ser consignado que o autor, embora nutrido vivo desejo de participar da mesma comemoração com trabalho que em parte já estava elaborado, todavia não o pôde concluir em tempo, só vindo a consegui-lo posteriormente e apresentado-o em dois, a saber: "Passo Fundo na Revolução de 1835", publicado na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", de Porto Alegre, volume 93, em 1944; e "No Decénio Farroupilha", em defesa dos comandantes Farrapos que aqui tinham operado nos dias da grande Revolução, trabalho este que apresentou no Quarto Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense, realizado em 1945 na mesma cidade, em comemoração do 1.º centenário da Paz de Poncho Verde, no qual tomou parte e em cujos "Anais", volume II, vem estampado tal trabalho.

IX

Dentro em poucos anos da chegada dos Neckeis, foi o elemento estrangeiro da aldeia de Passo Fundo de Missões (1) acrescido de tres novas entradas, ainda de alemães, e que foram, sucessivamente, as de Matias Tein (2), Pedro Müller e António Neckel (3), filho do já mencionado Jacob Neckel; elementos estes cuja procedência no país originário não conseguiu apurar senão quanto ao último, que era do mesmo distrito renano de que procediam seus pais e irmãos, e que deixei apontado no artigo VI desta série.

Ergueram esses novos moradores seus lares — toscos ranchos cobertos de bicas de pinheiro falquejadas (4) — à margem da estrada das tropas (5), que cortava a aldeia pelo centro e foi origem da antiga Rua do Comércio, depois Avenida Brasil, nos pontos seguintes: Matias Tein, onde está hoje o prédio n.º 1268, em que funcionou a Intendência Municipal (6); Pedro Müller, onde se vê, agora, o prédio n.º 1472, à esquina da Rua Brasil, e finalmente Antonio Neckel, no lugar em que ficam, hoje, os prédios n.ºs 1173 e 1185, à esquina da Rua Dez de Abril, antiga do Chafariz, vizinhando com seu irmão Matias Neckel, que tinha já se arranchado no espaço do actual prédio n.º 1155 e terreno, hoje baldio, entre esse prédio e o n.º 1173: tudo na mencionada Avenida Brasil.

X

Em 1827 a presidência da então Província de São Paulo encarregou o sargento-mór João da Silva Machado, depois Barão de Antonina e um dos pioneiros do povoamento do território que hoje constitui o nosso município (1), de fundar um núcleo colonial no Rio Negro (2), aproveitando, para isso, imigrantes alemães que procuravam o Brasil.

Em consequência dessa resolução, a 6 de Fevereiro de 1829 chegava ao local do mesmo núcleo a primeira remessa de colonos, constando de 20 famílias vindas de Thier, cidade ao sul da Alemanha; e no mesmo ano, em Novembro, vinha uma outra de mais 31 do mesmo elemento,

- (1) Elevada a freguezia por lei n.º 99, de 26 de Novembro de 1847, o que demonstra o seu desenvolvimento em seguida à Revolução pacificada em 1845, durante a qual decaira muito e fora levada a miséria tal, que em 1843 sentia falta dos mais necessários géneros. Tanto que Francisco Xavier de Castro, aí chegando para nela domiciliar-se, teve de ir, com cargueiros, buscá-los em Rio Pardo.
  - (2) Parece que trouxe consigo seu filho Nicolau Tein.
  - (3) Veio de Lajes, e trouxe a esposa e três filhinhos.
  - (4) Era também assim o rancho de João Neckel, e não coberto de capim, como, por equívoco, deixei dito no V artigo.
  - (5) A estrada das tropas, nesse tempo, ao chegar ao transformador de corrente eléctrica situado, hoje, nas imediações da Rua Dez de Abril, na Avenida Brasil, pendia para a direita buscando o Lava-pés, onde se vêem ainda vestígios do antigo Passo e da velha estrada.
  - (6) Este prédio, hoje retocado, foi também, no Império, instalação da Câmara Municipal, que para isso o adquiriu em meados do decênio de 1870 a 1879.
- 
- (1) Aqui constituiu ele as velhas fazendas do Arvoredo, Cedro e Sarandí.
  - (2) Deu este núcleo vigoroso impulso ao desenvolvimento daquela zona, hoje dividida entre os municípios de Rio Negro e Mafra, aquele do Paraná, e este, de Santa Catarina.

mas cuja procedência não é indicada no trabalho que examino (3).

Entre os colónos que constam das relações de tais remessas figuravam, na primeira, Leonardo Schultz, Adão Kus e Pedro Schleder, e na segunda, João Thibs e Felipe Müller, todos com suas famílias.

Entrando eu a investigar a penetração da corrente estrangeira em Passo Fundo, e sabendo, aí, que um dos velhos moradores alemães da terra, João Kus, da referida colonização tinha vindo, era natural que, para poder penetrar a origem dos elementos estrangeiros que meu trabalho ia reunindo, de logo tratasse de identificar com as referidas famílias de Rio Negro esse e outros moradores antigos daqui designados por sobrenomes iguais, mesmo porque sabia que um outro destes, Pedro Schleder, tinha parentes colaterais no Estado do Paraná, a que pertencia e pertence, hoje, parte da área da aludida colonização.

Assim incluída ela no campo de minha pesquisa, veremos adiante, no curso da nebulosa tarefa que estou a realizar, a influência que o mencionado encargo do sargento-mor João da Silva Machado teria projectado no assunto (4).

## XI

Em 1843, quando a coluna farroupilha do general José Gomes Portinho se deslocou de Cruz Alta para Rio Pardo, pelo distrito de Passo Fundo (\*), ao passar pelo Resvalador, na estrada que daqui vai a Soledade, já lá estava morando o alemão João Jacob Müller, que, como adiante se verá, depois viria aumentar a corrente estrangeira na aldeia originária desta cidade.

Mais ou menos em 1847, estaria domiciliado nas imediações do Tope um outro alemão que também posteriormente se transferiria para cá. Era ele Jorge Sturm (pai), que para ali viera de São Leopoldo.

Ao mesmo tempo ou pouco depois, também se fixavam no referido lugar João Kratz, seu sogro, vindo, ao que parece, da mesma procedência e que era, também, alemão; e o genovês Giuseppe Sevignone Marchi, conhecido por José Marques Italiano, vindo de Rio Pardo e ao qual adiante aludirei novamente, visto que também veio depois para cá.

## XII

A partir das últimas entradas que registrei, a corrente estrangeira

---

(3) Em 1929, estando eu em Curitiba e desejando colhêr informações sôbre as origens dos curitibanos (paranaenses) que para cá tinham vindo nos velhos tempos, para isso procurei os ilustres dr. Victor do Amaral e Romário Martins, inspiração feliz de que resultou poder eu obter o importante trabalho "Centenário da Colonização Alemã" de Rio Negro e Mafra, naquele ano publicado e no qual tantos subsídios preciosos vim a encontrar para este e outros trabalhos que tenho em mãos sobre o nosso passado.

Eis porque devo aqui consignar o meu agradecimento aos referidos intelectuais paranaenses.

(4) Obra referida em a nota supra.

---

(\*) Nessa marcha passou Portinho pelo Rincão do Pessegueiro, de onde expediu para cá um piquete que aqui surpreendeu e pôs em fuga o capitão Manuel José das Neves, legalista, perseguindo-o até a Entrada do Mato Castelhana onde o aprisionou conforme consignei em "Anais do Município de Passo Fundo". Francisco Xavier de Castro, que regressava de Rio Pardo, encontrou essa coluna em marcha nas imediações de Soledade, sendo a vanguarda além e a reatguarda aquém de tal ponto.

da freguesia de Passo Fundo (1) se avolumou com mais frequentes ingressos, em que além do elemento alemão, que a princípio fora único, outras nacionalidades, quer europeias, quer americanas, começaram a aparecer.

Por isso e dado o longo tempo decorrido, que assaz dificulta a pesquisa, não poderei, de agora em diante, observar ordem cronológica no registro das novas entradas, me limitando, apenas, a dá-las em conjunto e por períodos, com as anotações que me parecerem úteis.

Entre as últimas entradas referidas e o começo da guerra contra o governo do Paraguai (1865), teriam sido estes os estrangeiros que aqui vieram domiciliar-se:

Alemães. — Matias Müller (2), Jacob Thibs (3), Pedro Walendorf (4), Frederico Schultz (5), Jorge Hein (6), Jorge Sturm (7), Carlos Gosch (8), Guilherme Benthack (9), Gustavo Reichel (10), Frederico Takke (11), Pedro Schleder (12), Nicolau Schleder (13), Pedro Kuss (14), João Jacob Müller (15), Pedro Zimmermann (16), Frederico Guilherme (17), Luiz Morsch (18), João Lewe (19), João Pedro Cullmann

- (1) Elevada a vila por acto n. 340, de 28 de Janeiro de 1857.
- (2) Veio de Torres, transferindo-se depois para Nonoi onde faleceu.
- (3) Veio de Rio Negro, aonde devia ter chegado em 1829, pois que na primeira remessa de imigrantes que lá entrou então, figuravam João Thibs, sua esposa e filhos, entre os quais um de nome Jacob.
- (4) Vindo de Faxina, hoje Estado de São Paulo, em 1849, mais ou menos. Trouxe a esposa e filhos.
- (5) Veio de Rio Negro. Na aludida primeira remessa de imigrantes, chegada à mesma colónia, figuram Leonardo Schultz e sua família. Talvez pertencesse à mesma ou fosse dela parente.
- (6) Irmão de d. Ana Christina Hein, esposa de Adão Schell. Retirou-se depois da guerra do Paraguai, ou para Soledade, ou para Santa Maria.
- (7) Aqui chegado, do Tope, em 1852.
- (8, 9, 10 e 11) Naturais do Holstein. Fizeram parte da legião alemã dos "brumers" que pelejou ao lado do Brasil na guerra contra Rosas (1852), em seguida à qual vieram para Passo Fundo.
- (12) Parece que nasceu na viagem de seus pais para o Brasil. Veio de Rio Negro, tendo-se casado aqui. Devia ser parente do colono do mesmo nome que, com família, em 1829 chegou à mesma colónia.
- (13) Irmão de Pedro Schleder, e vindo também de Rio Negro.
- (14) Veio do Passo de Pelotas, situado entre Barracão e Campos Novos, onde fazia ..... o serviço da passagem dos viajantes e tropas. Deixou esse Passo por ter sido o seu capataz apanhado e devorado, lá, por um tigre. Anteriormente morara em Rio Negro. Talvez fosse parente do colono Adão Kuss, à mesma colónia chegado, com família, em 1829. Trouxe para cá a esposa e 9 filhos.
- (15) Vindo do Tope onde, como já deixei dito, estava em 1843.
- (16) Genro do mesmo João Jacob.
- (17) Não consegui descobrir o nome de família deste alemão, que era natural do Holstein e, com Carlos Gosch, Daniel Bentack, Gustavo Reichel e Frederico Takke, fizera parte da legião alemã aludida, na guerra de Rosas. Era genro de Pedro Kuss.
- (18) Chegado em 1863.
- (19) Veio com Adão Fisch, em 1863, não se sabendo ao certo se era alemão ou teuto-brasileiro.

(20), Julio Cullmann (21), Frederico Guilherme Kurtz (22), Guilherme Morsch (23) e Alexandre Knörle von Bodevitz (24).

Austríaco — João Müller. Inglês — João Jorge Moogen (25). Franceses — João Baptista Lajus (26) e Luís Schaise (27). Italiano. — João Stelio (28) e José Marques Italiano (29).

Portugueses. — António Bento de Souza (30), António José da Silva Loureiro, António Francisco da Costa, Carlos Coimbra, António da Costa Guimarães, Manuel Gonçalves Ferreira Pedra (31) e Eduardo Gonçalves Ferreira Pedra (32).

Estadunidense. — Tomás Canfield (33). Argentino — Ramon Rico (34). Uruguaio. — Hermenegildo de tal.

No mesmo periodo entraram também Matias Benck (35), João Kuss (36) e seus irmãos Teodoro (37), José (38) e Adão Kuss (39), Gustavo Wirmond (40) e Adão Fisch (41), não contemplados na lista acima por serem brasileiros (42).

### XIII

No curso da guerra do Paraguai (1865 a 1870), a corrente estrangeira da então vila de Passo Fundo experimenta depressão no seu expandir, mas pouco sensível, de vez que nos cinco anos dessa campanha entram 3 novos elementos, contra 39 nos vinte anos do periodo imediatamente anterior.

Os novos estrangeiros aí entrados são estes:

- 
- (20 e 21) Irmãos. Vieram em 1864, mais ou menos. Eram de Birkenfeld, no Grão-Ducado de Oldenburg.
  - (22) Nascido em 1840, em Rheinböllen, Prussia. Era filho de Jacob Kurtz e d. Maria Eva Cappalo. Depois de algum tempo da sua chegada, aqui estabeleceu-se em 1865, casando-se no ano seguinte.
  - (23) Chegado em 1864.
  - (24) Agrimensor. Não consegui outras informações a seu respeito.
  - (25) Retirou-se para Lagoa Vermelha pouco antes da guerra do Paraguai. Foi por ele construido, parece que em 1860, o velho prédio situado junto à Casa Barão, na Avenida Brasil e que ultimamente foi demolido.
  - (26) Retirou-se depois para Nonoai.
  - (27) Parece que mudou-se para Soledade.
  - (28) Devia ter-se casado, aqui, antes de 1845. Faleceu em 1849, mais ou menos.
  - (29) Foi negociante em Rio Pardo ao tempo da Revolução Farroupilha, retirando-se depois, da mesma cidade, para o Tope, de onde veio em 1851, mais ou menos.
  - (30) Localizou-se no Paiol de Telha, antigo 1.º distrito.
  - (31 e 32) Domiciliaram-se no Pinheiro Torto.
  - (33) Aqui casou-se e faleceu. Era pai de Tomás e Daniel Canfield, há anos falecidos.
  - (34) Natural de Buenos Aires, de onde veio logo após a guerra de 1852.
  - (35) Vindo de Torres em 1853.
  - (36) Nascido em Rio Negro.
  - (37, 38 e 39) Ao que parece, nascidos também em Rio Negro, para onde voltaram Pedro e Teodoro. Adão faleceu aqui.
  - (40) Natural do Paraná. Retirou-se para Guarapuava, no mesmo Estado.
  - (41) Nascido em São Leopoldo, de onde veio em 1863.
  - (42) Também deveria ser brasileiro Nicolau Tein, a que aludi no artigo IX.

Alemães — Frederico Augusto Döhring (1), Jacob Kurtz (2), Ernesto Krogn (3), Guilherme Block (4) e João Issler (5). Austríaco — Esperidião Guerin (6). Suíço — Jorge Meister (7). Português — Padre Antônio da Rocha Pinto (8).

Vê-se, pois, que o elemento alemão ainda neste período superou os demais (9).

#### XIV

Antes de examinar as entradas que se verificaram após a guerra do Paraguai, tenho de sanar omissão em que incorri ao dar, no precedente artigo, a relação dos estrangeiros chegados à então vila no curso da mesma campanha. Foi ela a do alemão Henrique Jacob Winckler (1), com o qual o número de entradas do período aludido fica sendo de 9.

— No decénio entre a terminação da mencionada guerra e 1880, apuro 18 entradas de estrangeiros na sede do Município, número este proporcionalmente inferior aos que foram verificados nos dois últimos períodos anteriores.

No resultado assim colhido, mantém a raça germânica a preponderância numérica observada desde o início da penetração estrangeira na Vila, pois que nele figuram 11 alemães e 1 suíço-alemão. Além disso, no mesmo período entraram também 9 brasileiros de origem alemã, facto que mais avoluma a preponderância aludida.

A lista das entradas no decénio é esta:

Alemães — Maximiliano Beschoren (2), Kurt von Reuter (3), Teodoro Heegewaldt (4), Luis Doerre (5), Fernando Strello (6), Jacob Zim-

- (1) Chegado em 1869 do Tope, onde morara anteriormente. Devia ser natural do Holstein, pois que fez parte da já aludida legião alemã dos "brummers" que tomou parte na guerra de Rosas.
- (2) Era irmão de Frederico Guilherme Kurtz, mencionado no precedente artigo, devendo portanto, como acontecia com o mesmo, ser natural de Rheinböllen, Prússia. Transferiu-se daqui para a Entrada do Mato Castelhanos, onde morou longos anos e faleceu ultimamente.
- (3) Natural do Holstein.
- (4) Faltam dados a seu respeito.
- (5) Aqui chegado a 13 de Janeiro de 1870. Era natural de Birkenfeld, no Grão-Ducado de Oldenburg.
- (6) Vindo de Montevidéu. Localizou-se depois no Pessegueiro, imediações do antigo Passo do Jacuí, hoje fechado.
- (7) Chegado em 1869. Natural de Merishausen, cantão de Schafhause. Faleceu, há anos, nesta cidade.
- (8) Vigário desta paróquia. Devia ter sido o segundo nesse cargo, porque anteriormente só tenho encontrado referência ao padre Manoel Carlos Ayres de Carvalho, que parece ter sido o primeiro.
- (9) No precedente artigo, nota 17, onde se lê Daniel Benthack, leia-se Guilherme Benthack.

- (1) Natural da Baviera. Retirou-se, ao terminar a guerra do Paraguai, para Pinhal (Santa Maria).
- (2) Foi, depois, para Nonoai, onde faleceu anos antes da proclamação da República.
- (3 e 4) Agrimensores. Reuter era do Holstein.
- (5) E' o mesmo João Henrique Luis Daerve que figura nos "Anais do Município de Passo Fundo", vol. I, em 1871, na fundação da Sociedade Emancipadora que aqui surgiu então. O seu nome de família foi dado erradamente na mesma obra, o que só agora verifico.
- (6) Localizou-se no Lambedor, antigo 1.º distrito.

mermann (7), João Otto Zimmermann (8), Adão Ritter, Carlos Reichert (9), Carlos Züger 10) e Reginaldo Pietsck (11).

Suíços — Miguel Meister (12) e Santiago Frankini (13). Portugueses — Padre Cirilo (14), Francisco Narciso de Queirós e António José da Costa (15). Paraguaio. — Manoel André Alves e Amância de tal. Brasileiros de origem alemã — Elias Küster (16), Francisco Bier (17), Frederico Graeff (18), João Schweizer (19), Miguel Schaeffer (20), Manuel João Welsch 21), Damásio Muskopp (22), Augusto e Daniel Reichmann (23).

XV

De 1880 a 1890 a entrada de estrangeiros na sede do Município se avoluma superando a mais alta proporcionalidade anual até aí verificada e dando ao elemento italiano, por primeira vez, predominância numérica na classificação por nacionalidades, posição em que o segue de perto o português, colocado em segundo lugar conforme a lista que passo a dar:

Alemães — Dr. José Krein (1), Guilherme Daudt (2), João Klippel (3) e Ricardo Bone (4). Austriaco — Marcos Condini (5). Suíços — Luis Volante (6) e Felício Bianchi (7).

- ( 7) Irmão de Pedro Zimmermann, aludido no precedente artigo.
- ( 8) Retirou-se para Nonoai.
- ( 9, 10 e 11) Vieram em 1877, mais ou menos. Reichert faleceu aqui, em 1890, mais ou menos. Züger e Pietsck retiraram-se ao cabo de alguns anos de permanência.
- (12) Irmão de Jorge Meister e, como acontecia com este, natural de Merishausen, cantão de Schaufhausen.
- (13) Natural do cantão Tessino.
- (14) Sucessor de padre Antonio da Rocha Pinto no vicariato da paróquia. Parece que o seu nome todo era Joaquim Cirilo da Cunha.
- (15) Foi, então, sócio de António José da Silva Loureiro na “Casa Barão” que, sob outra firma, ainda está funcionando, na Avenida Brasil, no mesmo prédio que aí ou depois foi construído por Loureiro, fundador do estabelecimento.
- (16) Retirou-se para o Paraná, de onde era natural.
- (17) Veio do Tope, onde morava antes. Era natural de Faxina, hoje Estado de São Paulo.
- (18) Vindo do município de Rio Pardo em 1847. Continuou desde então residindo nesta cidade, onde faleceu há anos.
- (19) Localizou-se depois no antigo 1.º distrito, sobre o arroio do Moinho do Capitão Teodoro.
- (20) Parece que veio de Taquara. Localizou-se posteriormente no citado 1.º distrito, entre o Valinho e o Passo d’Areia. Faleceu há anos.
- (21 e 22) Localizaram-se no Pessegueiro.
- (23) Irmãos. Vieram de São Leopoldo, Augusto em 1877, mais ou menos, e Daniel pouco depois. O primeiro faleceu nesta cidade e o último, depois de aqui permanecer alguns anos, retirou-se para Santa Maria.

- 
- ( 1) Médico. Retirou-se antes de 1888.
  - ( 2) Veio de São Leopoldo.
  - ( 3) Retirou-se com a Revolução Federalista.
  - ( 4) Transferiu-se para Cruz Alta onde faleceu há anos.
  - ( 5) Chegado em 1883, de Lagoa Vermelha. Natural de Trento, hoje pertencente à Italia. Faleceu ultimamente.
  - ( 6) Faleceu, há anos, em Vacaria ou Bom Jesus, hoje Aparados da Serra, para onde se transferira.
  - ( 7) Faleceu aqui, há anos.

Italianos — Annibal di Prímio (8), Quintino Lamacchia (9), António Bertaglioni (10), José di Prímio (11), Eusébio Moretti (12), José Reinelli (13), António Caçola, Brás Sargentelli (14), Felix Felizolla (15), Francisco Barleta (16), José Celibert (17) e Francisco Amorelli (18).

Portugueses — Padre Tomás de Sousa Ramos (19), Eduardo de Brito (20), Roberto de Aguiar (21), Alfredo de Aguiar (22), Henrique Eduardo Costa (23), António José Pereira Bastos (24) e padre José Ferreira Guedes (25).

Paraguaio — Gustavo de tal (26). Brasileiros de origem alemã — Carlos Leopoldo Reichmann (27), Jacob Bender (28), Augusto Krugg (29), Henrique Amadeu Becker (30) e Guilherme Becker (31).

Entre 1890 e 1895, não tenho memória nem tradição de estrangeiro que se fixasse (32), facto aliás natural diante as perturbações revolucio-

- 
- (8) Mudou-se para Santa Maria depois de aqui residir por longo tempo, e de lá para Porto Alegre, onde faleceu.
- (9) Chegado em 1883. Faleceu aqui.
- (10, 11 e 12) Faleceram aqui.
- (13) Faleceu em Encantado.
- (14 e 15) Retiraram-se antes da Revolução Federalista.
- (16) Transferiu-se para o Pinheiro Torto, voltando a residir aqui e finalmente indo para o antigo 6.º distrito, onde faleceu há anos.
- (17) Fixou-se depois nas imediações do Jaboticabal próximo ao Pinheiro Torto.
- (18) Veio de Cruz Alta, em 1890, mais ou menos. Faleceu aqui.
- (19) Era vigário de Soledade, paróquia que permutou por esta com o padre Cirilo, exercendo-a até 1890, mais ou menos, quando foi substituído pelo padre José Ferreira Guedes. Faleceu no período da Revolução Federalista.
- (20) Retirou-se no mesmo período. Residiu depois em Santa Bárbara, hoje Santa Bárbara do Sul. Faleceu no município de Lagoa Vermelha.
- (21 e 22) Vindos de Campo do Meio. Retiraram-se no período da Revolução aludida, depois da qual o segundo ainda residiu aqui por algum tempo, mudando-se afinal para a estação de Santa Bárbara do Sul.
- (23) Agrimensor. Era irmão de António José da Costa referido no precedente artigo.
- (24) Veio de Soledade. Faleceu no antigo 3.º distrito, hoje de Coxilha.
- (25) Sucessor de padre Tomás de Sousa Ramos, conforme já ficou dito, no vicariato da paróquia. Aqui faleceu em 1902.
- (26) Aqui falecido no mesmo decénio em que chegou.
- (27) Vindo de São Leopoldo em 1883. Irmão de Augusto e Daniel Reichmann referidos no precedente artigo.
- (28) Vindo de Lagoa Vermelha. Mudou-se para Carazinho.
- (29) Transferiu-se para o município de Erechim.
- (30) Casou-se, a 28 de Junho de 1890, com d. Josefina Kurtz, sendo esse matrimónio o primeiro que nesta cidade se realizou civilmente. Faleceu aqui.
- (31) Irmão do precedente. Retirou-se pouco antes da Revolução citada.
- (32) De 1890 a fins de 1891, esteve aqui o dinamarquês Jacques Ramsperg trabalhando no escritório da comissão de estudos do traçado da estrada de ferro de Santa Maria ao Itararé, comissão essa chefiada pelo dr. Marcelino Ramos; e em 1893, o médico italiano dr. Luis Finotti, que pouco permaneceu.

nárias dessa quadra, (33) por efeito das quais a Cidade (34) e Município, ao invés de atraírem novos elementos para sua população, nela foram grandemente desfalcados por emigração considerável para outros pontos do Estado e de fora.

## XVI

Tendo, no precedente artigo, chegado este inquérito, na Cidade, ao ano da pacificação da luta fratricida que no Estado irrompera em 1893, convém, agora, que outra vez desça ele aos primeiros dias do povoamento do território passo-fundense pela gente civilizada, para pesquisar qual tenha sido, no mesmo espaço de tempo, a penetração estrangeira na parte rural do Município.

Circunscrição vastíssima, com a sua maior parte coberta de florestas pouco povoadas ainda, e o restante, na campanha, ocupado por amplas fazendas de criação, também com habitantes dispersos e mais ou menos afastados entre si, de certo que o estrangeiro então vindo, em regra sendo artista manual ou tendo em vista explorar o comércio, não poderia, de maneira alguma, encontrar vantagem para seu estabelecimento a não ser nos povoados e suas proximidades, ou, fora disso, em lugares que, por situação ou condições especiais, lhe oferecessem perspectivas de êxito económico.

Daí, evidentemente, a razão por que a sede do Município e suas imediações, Campo do Meio, Nonoai (1) e Restinga (2) foram, nos velhos tempos que examino, buscados pelo elemento estrangeiro muito antes de outros pontos da área actual de Passo Fundo.

---

(33) Pode-se dizer que o Município esteve em situação anormal desde 1890 até 1895, pois que já no primeiro desses anos teve, em Maio, um movimento armado promovido pelos Federalistas; em 1891 (Novembro), a revolução contra o golpe de Estado que dissolvera o Congresso Nacional; em 1892, a malograda contra-revolução republicana de Fevereiro e a resistência federalista ao golpe de 17 de Junho, que repuzera no governo do Estado o Partido Republicano, e finalmente, daí em diante, a situação revolucionária que se prolongou até 1895 e na qual além da batalha de 27 de Junho de 1894, travada entre Pulador e São Miguel, no campo dos Melos, foi teatro de vários combates, alguns dos quais importantes.

(34) Categoria a que ascendeu por acto n. 258, de 10 de Abril de 1891.

---

(1) Antigo 3.º distrito de Passo Fundo, desmembrado em 1874, por lei n. 928, de 6 de Maio, para pertencer ao município de Palmeira, aí criado. Por lei n. 1.091, de 2 de Maio de 1877, voltou a pertencer-nos, tomando, então, a numeração de 5.º. Em 1890, por acto n. 257, de 20 de Junho, passou a constituir município, que pouco depois foi extinto, voltando o território a pertencer a Palmeira e vindo a formar no mesmo, posteriormente, os dois distritos de Nonoai e do Taquarussú, os quais em 1931 foram desmembrados do mesmo município e novamente incorporados a este, recebendo aqui as numerações de 4.º e 9.º, respectivamente, situação em que, em 1939, com a criação do município de Sarandí, foram finalmente desanexados outra vez, passando a fazer parte dessa nova comuna rio-grandense.

(2) Do antigo município de Passo Fundo fez parte, sob a numeração de 5.º, este distrito, compreendendo o Tope e o espaço ao norte entre os rios Jacuí e Taquari.

Em 1875, sendo criado, por lei n. 962, de 29 de Março, o município de Soledade, para constituírem o respectivo território foram desmembrados de Passo Fundo esse e os 6.º e 7.º distritos, ficando a divisa da nova circunscrição conosco

XVII

No curso da penetração estrangeira que deixei estudada nos precedentes artigos, domiciliaram-se na zona rural do distrito da sede do Município, os elementos seguintes, referidos nos mesmos artigos:

Alemães — Fernando Strello, no Lambedor; Matias Tein, nas imediações do Lageado do Brito; Pedro Walendorf, no Taquarussú; Julio Cullmann, no Pessegueiro; Pedro Kuss, nas proximidades da estação São Miguel, e Gustavo Reichel, no Umbú.

Austriaco — Esperidião Guerin, conhecido por Espiro, perto do antigo Passo do Jacuí, no Pessegueiro.

Portugueses — António Bento de Sousa, no Paiol de Telha; Eduardo e Manuel Gonçalves Ferreira Pedra, no Pinheiro Torto.

Italianos — Francisco Barletta, nas imediações do mesmo arroio, e José Celibert, sobre o mato do Jaboticabal.

Teuto-brasileiros — João Kuss e Adão Fisch, no Pontão da Mortandade; João Schwarz, no arroio do Moinho do Capitão Teodoro, também chamado do Engenho (1); Francisco Bier, próximo ao mesmo arroio; Nicolau Tein, sobre o lajeado do Brito; Manuel João Welsch e Damázio Muskopp, no Pessegueiro, e Miguel Schaeffer, entre o Valinho e o Passo d'Areia.

Além desses elementos, entraram para o distrito os seguintes, não referidos ainda:

Italianos — Rafael Pera (2), que se fixou na serra próxima, sobre o Jacuí, nas imediações do Capinzal; Trinco Joseph, Silvestre e João Buco, na Colónia Canfild (3).

Espanhóis — Francisco Escobar (4) e o seu sogro (5), nas imediações do Paiol de Telha.

Paraguaio — Raimundo de tal (6), nas imediações do Saraiva.

Uruguaios — João e Pedro dos Anjos (7), à beira do pontão da Mortandade, e João Palhano (8), nos Antunes.

---

pelo Jacuí, situação que perdurou até 1880, quando o distrito da Restinga, por lei n. 1251, de 14 de Junho, voltou a pertencer-nos para ser depois, em 1884, por lei n. 1537, de 9 de Dezembro, dividido entre os dois municípios pela linha, ultimamente alterada em parte, que consistia nos arroios Camargo e Povinho e duas vertentes que para eles desciam do boqueirão da Tapera do Capitão Albuquerque, situada logo adiante do Tope.

Na instabilidade que assim caracteriza, no passado, a subordinação administrativa e judiciária de tal circunscrição, e também por me faltarem dados para indicar com precisão os pontos em que se estabeleceram alguns dos estrangeiros que tenho de mencionar, indispensável se torna que este inquérito abranja o velho distrito pelas lindes de sua criação, mesmo porque, como se tem visto pelos artigos anteriores, por várias vezes tem sido ele objecto de referência neste estudo.

- 
- (1) Esta última denominação provém do engenho de serrar que lá estabeleceu então o mesmo Schwarz.
  - (2) Entrado no decénio de 1880 a 1890.
  - (3) Primeira tentativa de colonização que se fez neste município. Foi essa colónia fundada a 16 de Junho de 1889 por Tomás Canfild, filho do estadunidense do mesmo nome, a que aludí no artigo XII. Trinco Joseph, Silvestre e João Bucco foram os primeiros colonos da mesma.
  - (4) Chegado em 1890, mais ou menos.
  - (5) Não consegui saber o nome deste elemento. Veio com o referido Escobar.
  - (6) Entrado no decénio de 1870 a 1880.
  - (7 e 8) Deviam ter vindo no decénio de 1880 a 1890.

XVIII

A exploração da pedra ágata e seu comércio, feito com a Alemanha, foi causa de se dirigirem a Campo do Meio, no período da guerra do Paraguai e depois, vários elementos alemães que lá estacionaram, uns temporaria, outros definitivamente (1).

Entre os primeiros há memória de Jacob Cullmann (2) e seus primos João Pedro e Júlio Cullmann, irmãos (3), Carlos Becker (4) e seu preposto Peter Lorenz, Frederico Dihl, Carlos Ludwig, Carlos Mohr e, muito depois, Guilherme Fetzler (5).

Quanto aos segundos, foram Jorge Heinemann (6), João Filipe Dreher (7), Guilherme Leyzer (8), seu irmão Adolfo (9) e Carlos Dreher.

Além desses elementos, domiciliaram-se no mesmo distrito, no decênio de 1880 a 1890, os portugueses Alfredo e Roberto de Aguilar, irmãos (10), o italiano José Muliterno (11) e o argentino Ramon Rico (12); e entre 1890 e 1892, o espanhol Felix Cantalício de Luvara (13).

Quanto ao 3.º distrito, hoje de Coxilha, apenas sei de um elemento que nele se fixasse nos velhos tempos, que foi o alemão Jacob Kurtz, referido no artigo XIII e que daqui se mudou para lá, domiciliando-se na Entrada do Mato Castelhana.

---

Nonoai (14), cuja recente volta a Passo Fundo — sua casa paterna

- 
- (1) Perdeu este comércio a animação que teve, devido à exploração do género na Africa, de onde chegava mais barato à Alemanha.
  - (2) Natural de Birkenfeld, Grão-Ducado de Oldenburg.
  - (3) Da mesma naturalidade. Julio, como já ficou dito, fixou-se no Pessegueiro.
  - (4) Morava em Porto Alegre.
  - (5) Depois de 1880.
  - (6) Natural de Hamburgo. Veio da Vacaria, em 1868 ou 1869. Teve casa comercial em Campo do Meio, na sede do distrito, de 1870 a 1892. Faleceu na mesma povoação, com 101 anos, a 5 de Agosto de 1920.
  - (7) Devia ter vindo em 1870, mais ou menos, de Taquara do Mundo Novo. Era natural de Birkenfeld.
  - (8) Sobrinho de Jacob Cullmann. Também natural de Birkenfeld. Veio em 1872. Fez a guerra franco-prussiana, tomando parte, como sub-official, em 12 acções da mesma e recebendo tres condecorações, entre as quais a Cruz de Ferro. Depois de residir longos anos em Campo do Meio, mudou-se para o distrito da sede do Município e depois para esta cidade, onde faleceu há anos.
  - (9) Também de Birkenfeld. Veio pouco depois de seu irmão Guilherme, aludido na precedente nota, tendo residido longo tempo em Campo do Meio e vindo a falecer, ultimamente, nesta cidade.
  - (10) Como ficou dito no artigo XV, vieram no mesmo decênio para esta cidade.
  - (11) Fazendeiro no Ligeiro, em Campo do Meio. Faleceu em Lagoa Vermelha, município para onde se transferira, estabelecendo residência na fazenda da Limeira.
  - (12) Depois de residir mais de 30 anos aqui, passou a morar na fazenda de Santa Cecília, então de sua propriedade, no aludido Campo do Meio, de onde saiu com a Revolução Federalista, finda a qual voltou para esta cidade, onde era conhecido por Dom Rico.
  - (13) Depois da mesma revolução veio residir aqui, de onde logo depois se afastava indo, ao que parece, para Santiago do Boqueirão.
  - (14) Nome do cacique índio que lá dominava quando, no decênio de 1840 a 1850 começou a penetração do elemento civilizado.

— tem para justificá-la à sociedade os precedentes históricos que lembrei no artigo XVI, além dos quais militam ainda, e de modo não menos sugestivo, a sua topografia forçando-o a mais importante comércio conosco do que com Palmeira (15) — apesar da sua remota situação, teve nos velhos dias o concurso do elemento estrangeiro, sem dúvida atraído pela dupla consideração de ser ponto de passagem de importante estrada (16) e oferecer possibilidade, que mais tarde se confirmou, do aproveitamento do Uruguai para comércio fluvial com a República Argentina.

Até 1889, entraram lá os alemães Matias Müller, João Otto Zimmermann e Maximiliano Beschoren, idos daqui e aos quais fiz referências nos artigos XII e XIV; e mais Guilherme Rodmund (17) e Cristiano Kronemberger (18), e o francês João Baptista Lajus, a que aludi no citado artigo XII.

### XIX

A penetração estrangeira no distrito da Restinga deve ter tido como causa principal o ser ele cortado pela estrada de tropas que demandava Rio Pardo, praça que nos velhos tempos era o ponto em que o comércio desta zona ia fazer suas compras de mercadorias e venda de produtos pastoris, ou tomar os lanchões que de lá, pelo Jacuí, desciam à Capital da então Província.

No período que venho estudando, fixaram-se nesse distrito os elementos seguintes, já referidos:

Alemães — João Jacob Müller, no Resvalador; Jorge Sturm e Frederico Augusto Döhring, em pontos que não consegui determinar.

Italianos — José Marques Italiano e Brás Sargentelli, também em pontos de que não logrei indicação.

Teuto-brasileiro — Francisco Bier, igualmente em ponto que ignoro.

Além desses elementos, vieram para o distrito os seguintes, não referidos ainda:

Alemães — Henrique Ganz, que domiciliou-se no Resvalador; Rodolfo Becker (1), no Tope; João Kratz, João Wolf e Frederico Kader, em pontos que não consegui determinar.

Suiços — Vicente Mäder (2), no Tope, e seu irmão Jorge Mäder (3), em ponto cuja identificação me falta.

---

(15) Como se vê pela sua redação, este tópico foi escrito pouco depois da volta do antigo distrito a Passo Fundo, em 1931, ano em que, de 25 de Setembro a 11 de Novembro, a presente série de artigos teve publicação em "O Nacional", desta cidade.

(16) Chamada "de Baixo". Por ela seguia parte considerável das tropas de mueres que anualmente demandavam a feira de Sorocaba, em São Paulo. A estrada "de Cima", mais procurada por ter menos rios a nadar, era primeiro pelo Passo de Santa Vitória, no rio Pelotas, passando depois para o do Barracão, entre Lagoa Vermelha e Campos Novos.

(17 e 18) Estavam lá em 1874.

(1) Natural de Idaar, Birkenfeld, Grão-Ducado de Oldenburg. Chegou ao Tope em fins do decênio de 1880 a 1890.

(2) Era natural de Schleithun, cantão de Schafhausen. Filho de Jorge Mäder e Maria Werner. Nasceu em 1840, desembarcou em Joinville em 1852 e chegou ao Tope em 1862. Faleceu aqui em 1918.

(3) Irmão do precedente, e da mesma naturalidade. Chegou ao Tope em 1869.

Franceses — Francisco Salinet e Pedro Aguerre, além do Tope; Bernardo Aran, Peten (4) e Alexandre Reveilleau (5), aquém do Tope, à esquerda.

XX

Assim estudada, na Cidade e Município, a penetração estrangeira até o fim da Revolução Federalista (1895), passo a encerrar esta pesquisa com um rápido exame ao período que vem de então à chegada da estrada de ferro aqui (1).

Nesse intervalo, domiciliaram-se nesta cidade o alemão Germano Seibert, o austriaco dr. Fernando Oppitz (2) e os italianos João Floriani (3), Arcangelo e José Baggio (4), Francisco Pizze (5), Luiz Langaro, José Conti, Carlos Marchionatti (6), Pedro Bortolás (7) e Angelo de Felippo (8), além dos quais deve ser mencionado Francisco Matiotti, da mesma nacionalidade e que, tendo-se fixado na estação de São Bento, aqui fez casa e teve dependência do seu comércio.

Com a estrada de ferro, vieram os austriacos Carlos Sartori (9), António Beber (10), Máximo Bolner (11) e João Corá (12), naturais da parte do Tirol que hoje pertence à Itália; os italianos Miguel Conti (13), Olinto Giusti (14), João Be (15), Angelo Sposito (16), Leopoldo Lasta, Luís Bonatto, Baptista Petracco, Pedro Rotta, Pedro Testa (17), Manuel Zeni (18), Emílio Agostini (19) e Moretti (20); o espanhol Miguel

---

(4) Não pude descobrir o nome todo deste elemento.

(5) Químico, natural de Paris, onde tinha estabelecimento industrial para exploração de um processo de sua descoberta para conservação de carnes. Porque tomasse parte na revolução que em 1848 explodiu na mesma cidade, teve de emigrar para a Inglaterra, abandonando a referida empresa. Obrigado a deixar este último país pelo facto de ser reclamado pela França, veio para a América, dirigindo-se à província argentina de Entre-Rios, onde estava em negociações para erguer um estabelecimento idêntico ao que tivera na Capital francesa, quando, por ter falecido o general Urquiza, governador da mesma província, viu frustrado tal projeto. Buscando então o Rio Grande do Sul, esteve por algum tempo em Palmeira, de onde, pouco antes de 1863, veio para o Tope, distrito em que residiu longos anos e faleceu a 18 de Novembro de 1891.

---

(1) A inauguração do trecho ferroviário entre esta cidade e Carazinho, foi feita a 8 de Fevereiro de 1898.

(2) Engenheiro. Foi incumbido, pela Intendência Municipal, de organizar e demarcar a planta da parte da Cidade compreendida dos trilhos da estrada de ferro para o oriente, trabalho que executou então. Retirou-se poucos anos depois.

(3) Retirou-se logo após a chegada da estrada de ferro. Este elemento não deve ser confundido com o que, com o mesmo nome, mas de nacionalidade austriaca, veio posteriormente, aqui residiu durante longos anos, foi um dos fundadores da "Casa Floriani", sita à Praça Marechal Floriano Peixoto e há poucos anos faleceu nesta cidade.

(4 e 5) Pouco permaneceram.

(6 a 11) Faleceram aqui.

(12) Faleceu no actual município de Getúlio Vargas.

(13 a 16) Pouco permaneceram.

(17 a 20) Faleceram aqui.

Mesquida (21) e o português Antonio Costa (22), fixando-se também nesta cidade.

---

Quanto à parte rural do Município, parece que os únicos estrangeiros entrados no periodo em referência foram Francisco Lancelotti (23) no Pulador, e Carlos Ungaretti (24), no Povinho da Entrada, ambos italianos.

---

Eis o que consegui reunir sobre a penetração estrangeira no Município.

Não tentei revolver a etapa cronológica seguinte à chegada da estrada de ferro a esta cidade, porque o meu propósito inicial não fora tanto, e sim, apenas, cingir-me aos velhos tempos da terra, quando muito até ao advento da República.

Indo um pouco além, como fiz, creio ter atingido o limite mais característico entre a antiga e a moderna fases da vida passo-fundense, encarada no seu aspecto mais relevante, que é o económico, si me detive no momento histórico em que o silvo da locomotiva se fez ouvir aqui anunciando a entrada do Progresso, a cuja influência decisiva o Município deveria tomar impulso ante o qual uma pesquisa desta natureza se tornaria quasi irrealizável, dada a caudal de novos elementos que viam reforçar a sua população e multiplicar as suas energias no campo do Trabalho.

Com os materiais que deixei de lado e os que penso reunir, tentarei mais tarde, se para isso tiver tempo, condensar em volume o trabalho que ora suspendo e a sua segunda parte, ainda por organizar, aí expurgando os equívocos e lacunas que possa ter esta primeira, e dando-lhe melhor feição (25).

---

(21) Transferiu-se para Pulador, onde faleceu.

(22) Mudou-se para a Uzina Municipal, onde veio a falecer.

(23) Falecido na mencionada estação de Pulador.

(24) Retirou-se anos depois.

(25) Por falta de tempo, não pôde o autor elaborar e reunir a segunda parte assim projectada, se limitando, por isso a revê-lo corrigindo-lhe as imperfeições extrínsecas mais sensíveis, acrescentando pequenos detalhes e notas e, como era necessário, actualizando-o.

Mais tarde, se vier a cessar o obstáculo aludido, talvez seja possível apresentar em separado a mesma parte, com a matéria da sua finalidade, que era o estudo da actuação do elemento estrangeiro na vida económica, política e social do Município.







